




O USO DO CONTO E DA CRÔNICA COMO MEIO DE PRODUÇÃO TEXTUAL NO 1º ANO DA EJA

EL USO DEL CUENTO Y LA CRÓNICA COMO MEDIO DE PRODUCCIÓN TEXTUAL EN EL 1ER AÑO DE EJA

Eduarda Abreu do Nascimento 
Wellerth Mendes Ribeiro 
Lucas Pinto de Almeida 

RESUMO

Esta pesquisa busca dialogar com seu pares na proposição da utilização de uma proposta com uma nova visão para o ensino de gêneros textuais a jovens estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que trará experiências para a sua produção textual e influenciará na manutenção de sua participação escolar. Nós utilizaremos autores como Bakhtin (2016) e Marcuschi (2008) pois acreditamos que este suporte teórico nos permitirá coadunar com nossas considerações a ideia de que os gêneros são elementos dinâmicos na concretização das práticas comunicativas, e que devem ser incorporados ao ensino, fazendo com que seja evidenciada a necessidade de repensar formas de levar os alunos da EJA a produzirem textos nos quais serão autores, obtendo uma perspectiva de sua posição dentro da escola, e podendo intervir em seu processo de aprendizagem com auxílio do educador.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros textuais. EJA. Alunos.

RESUMEN

Esta investigación busca dialogar con sus pares al proponer el uso de una propuesta con una nueva visión para la enseñanza de géneros textuales a jóvenes estudiantes de la *Educación de Jovens e Adultos* (EJA), que traerá experiencias a su producción textual e incidirá en la mantenimiento de su participación escolar. Utilizaremos autores como Bakhtin (2016) y Marcuschi (2008) ya que creemos que este sustento teórico nos permitirá alinear con nuestras consideraciones la idea de que los géneros son elementos dinámicos en la implementación de prácticas comunicativas, y que deben ser incorporados. en la docencia, por lo que se resalta la necesidad de repensar formas de lograr que los estudiantes de la EJA produzcan textos de los que serán autores, obteniendo una perspectiva de su posición dentro de la escuela y pudiendo intervenir en su proceso de aprendizaje con la ayuda de la educador.

PALABRAS-CLAVE: Géneros textuales. EJA. Alumnos.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a partir de 2010, com o Parecer CNE/CEB n. 6/2010, que estabelece as Diretrizes Operacionais para a EJA e a Resolução n. 3/2010, referencia-se uma nova prática de alfabetização de jovens e adultos, baseando-se na educação popular e influenciada pela educação libertadora de Paulo Freire, que propõe uma intervenção ao levar o conhecimento do educando de sua realidade para a sala de aula. Freire (1997) parte dos pressupostos da Andragogia, estudo que traz uma visão diferenciada sobre o processo de ensino e aprendizagem dos adultos. Como aborda Schmit (2016)

[...] diferentemente da pedagogia, por exemplo, a andragogia possui um caráter de ensino bastante diverso daquela, pois os adultos trazem consigo, um elemento crucial que muitas vezes, falta às crianças –a experiência –ou seja, enquanto a criança é estimulada a novas descobertas através do ensino, o adulto por sua vez é incitado a absorver os ensinamentos, de acordo com suas necessidades básicas do cotidiano (Schmit, 2016, p. 2).

Nesta perspectiva, propõe-se uma nova visão para o ensino de gêneros textuais aos jovens e adultos, que trarão experiências para a produção textual e influenciarão na manutenção de sua participação escolar. Sucede que, devido à saída prematura da escola, o estudante apresenta problemas de aprendizagem e de permanência na escola. Eles têm dificuldade em absorver os conteúdos ministrados em sala de aula, o que dificulta o aprendizado.

Portanto, esses alunos enfrentam grande dificuldade em permanecer na escola, seja devido ao rendimento acadêmico, à conciliação do horário de trabalho com o horário de estudos, aos cuidados domésticos com a casa, filhos e parceiros, além da distância entre a residência e a escola, e à violência existente no percurso escolar, entre outros fatores.

Diante desse contexto, é necessário rever que os estudantes da EJA são diferentes dos estudantes do ensino regular, portanto, devem ser tratados de forma diferenciada. Com isso em mente, entra-se na perspectiva de propor o ensino prático de gêneros textuais que leve os alunos a uma produção de textos com base em sua realidade, influenciando assim a visão do aluno como protagonista de sua aprendizagem.

A educação proposta por Freire não se caracteriza pela transmissão de conhecimento, como se o processo de ensino e de aprendizagem

circulasse em uma rua de mão única. Tomando o alfabetizando como sujeito de sua aprendizagem, ele propunha uma ação educativa que não negasse a cultura, mas que a fosse transformando por meio do diálogo, ancorado no tripé alfabetizador/alfabetizando/objeto do conhecimento (Soek, *et al.*, 2009, p. 13).

São diversas as teorias que permeiam os gêneros textuais, especialmente as teorias de Bakhtin e de Marcuschi que abordam os gêneros como elementos dinâmicos da concretização das práticas comunicativas e que devem ser levados ao ensino. Levando-se em conta que o gênero tem uma relação com as práticas sócio-históricas, para Marcuschi refere-se “aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (2008, p. 23) e para Bakhtin os gêneros tem o seu caráter de processo (e não de produto), já que ao mesmo tempo em que estes se constituem como forças “reguladoras” do ato de linguagem, também se renovam a cada situação de interação.

A realização deste trabalho parte da necessidade de repensar formas para incentivar os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a produzirem textos nos quais eles sejam os autores, obtendo uma perspectiva de sua posição dentro da escola e permitindo-lhes intervir em seu processo de aprendizagem com o auxílio do educador.

1 A PRODUÇÃO ATRAVÉS DOS GÊNEROS

Sabe-se que a língua é uma ferramenta indispensável para o ser humano. Por meio dela, estabelece-se uma forma de ser entendido e entender o outro. Para que essa comunicação ocorra de maneira clara e objetiva, utiliza-se o enunciado, que consiste em construções de frases escritas que expressam o pensamento do indivíduo. Para que o enunciado reflita o conhecimento do interlocutor, a apresentação de condições específicas é fundamental. Ou seja, o texto será elaborado de acordo com a finalidade proposta, o tema apresentado e o estilo individual, delimitando, dessa maneira, a sua construção composicional. Com a junção dos três elementos, nota-se que a comunicação só será bem-sucedida se existir a referida junção, pois percebe-se que em cada esfera da atividade humana encontra-se um tipo de enunciado.

Quando falamos de produção textual, automaticamente relacionamos a construção de uma enunciação que será desenvolvida a partir de vivências pessoais.

Se tem a impressão de que ao utilizar um determinado gênero solicitado pelo professor apenas com a finalidade avaliativa da disciplina, torna o ensino estruturalista, pois, leva em consideração somente a forma e o conteúdo. Baseado nas orientações didáticas de Irandé Antunes (2009, p. 14) que aborda a necessidade de trabalhar os gêneros textuais e o uso desses textos no letramento dos alunos, observa-se que, muitos docentes esquecem que trata-se de uma possibilidade de trabalhar com o estudante a sua capacidade argumentativa, na qual ele mobiliza suas competências, desenvolve sua persuasão e evidencia seu contexto histórico e social. Sob esse viés, a autora Pauliukonis (2018) afirma que:

O texto é um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários aspectos sociais. É, também, um evento de interação entre locutor e interlocutor, os quais se encontram em um diálogo constante (Pauliukonis, 2018, p. 10).

Segundo a autora, o texto é o produto de uma enunciação que possibilita o diálogo entre o locutor e o interlocutor. Esse diálogo, carregado de experiência de vida, possibilita a relação mencionada anteriormente. Desta maneira, o aluno do eja que carrega consigo um vasto repertório de vivências, poderá utilizar o texto como uma forma de construir seus argumentos e expressar seu ponto de vista, assim, manifestando através da produção textual seus argumentos frente a sua realidade. É a possibilidade de expressar sua opinião e argumentar sobre a temática apresentada pelo docente. É utilizar seus conhecimentos extraescolares e escolares na tentativa de validar suas afirmações, trazendo veracidade ao que foi apresentado.

Quando se fala de produção textual, falamos de discurso, gênero e texto, pois entre um e outro encontramos a presença do gênero como norteador para a construção de um determinado discurso. De acordo com Marcuschi (2008, p. 84). Entre o discurso e o texto está o gênero, que é aqui visto como prática social e prática textual-discursiva. Ele opera como a ponte entre o discurso como uma atividade mais universal e o texto enquanto a peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. Logo, entende-se que os "gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação que ocorrem. Sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que surge e que circula" (Marcuschi *apud* Coutinho, 2004, p. 35-37).

É incontornável abordar a produção textual sem recorrer aos modos de discurso como guia para a organização das argumentações em um texto, os quais são percebidos, conforme Marcuschi (2008) e Coutinho (2004), como a ponte que interliga o discurso e o texto, relacionando-se com as práticas sociais do indivíduo no cotidiano. Esse conceito esclarece como os gêneros assumem a forma apropriada quando inseridos em um contexto que utiliza o tipo de discurso em questão como meio de comunicação.

Outra questão que podemos evidenciar é o gênero como uma forma discursiva, a possibilidade de estabelecer um sentido partindo de uma realidade imbricada no interlocutor. Essa relação indissolúvel transpassa para a sua enunciação na qual, evidencia seu contexto social a quem está direcionando o seu discurso. De acordo com o teórico Bakhtin (2016):

O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam os enunciados por seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, eles têm como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo limites absolutamente preciosos (Bakhtin, 2016, p. 29).

Segundo Bakhtin, o gênero do discurso está constantemente presente na vida do indivíduo, revelando-se em forma discursiva que, de certa maneira, dialoga com outros discursos. A referida teoria bakhtiniana nos permite identificar de que maneira o gênero discursivo corrobora nos discursos proferidos pelo indivíduo, explicitando como se constrói o discurso alheio. Para que ele ganhe um sentido, é necessário o entrelaçamento de forma e atividade.

Pode-se falar também da questão de interação social, quando percebemos que o discurso está imbricado no contexto social de quem fala, esse contexto evidencia o lugar do enunciador possibilitando a veracidade de suas afirmações. Segundo Fiorin (2022) "os gêneros estão sempre vinculados a um domínio de atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades" (Fiorin, 2022, p. 69).

De acordo com o teórico, nota-se que é indissociável o gênero de uma atividade humana. Para cada contexto específico, uma forma de enunciado será exigida. O interlocutor, no mento de construção de sua enunciação, utilizará sua realidade social para a expressão de sua opinião. É notório que no processo de construção de sentido, o indivíduo utilizará de outros discursos para formular a sua

tomada de posicionamento, pois “os gêneros são meio de apreender a realidade” (Fiorin, 2022. p. 76).

Quando falamos de produção textual, estamos nos referindo a diferentes tipos de gêneros. Portanto, escolher corretamente os textos a serem trabalhados com os alunos é de suma importância, pois é a partir dessa seleção que conseguiremos desenvolver de maneira clara e objetiva as atividades propostas. Portanto, um dos primeiros passos a serem seguidos para a escolha de textos é o estabelecimento de um diálogo.

O docente primeiramente precisará informar como se dará a atividade proposta em suas aulas, em seguida, buscará conhecer se os seus alunos têm o hábito de leitura e quais leituras costumam fazer para que, posteriormente inicie o trabalho com os gêneros e produção. Sendo assim, Geraldi (2011) aborda que a utilização de gêneros textuais, por ele denominado como texto curto, é de suma importância:

A leitura de um texto curto (noticiário, crônica, conto, etc.) não exerce uma função aleatória na sala de aula. Com os textos curtos, o professor poderá exercer sua função de ruptura no processo de compreensão da realidade (Geraldi, 2011, p. 51).

O referido teórico evidencia que os gêneros textuais desenvolvem um papel fundamental nas aulas de leitura e produção textual. Ao trabalhar com textos variados, uma melhoria na compreensão textual torna-se evidente, pois, quando o estudante se depara com textos curtos que refletem sua realidade, ele consegue relacioná-los com outras áreas de seu conhecimento e suas experiências pessoais. Isso implica em uma ressignificação daquilo que está sendo trabalhado.

Quando se aborda a produção textual, é inevitavelmente delimitar um gênero a ser trabalho, permitindo a elaboração de um texto em conformidade com o tema apresentado. Nesse sentido que Bakhtin (1997) também apresenta a relação dos gêneros primários com os secundários, no qual farão a relação com os conhecimentos extraescolares. De acordo com o teórico:

(...) os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios (Bakhtin, 1997, p. 282).

Para o autor, a produção de um texto envolve, de forma indireta, o uso conhecimentos já elaborados por terceiros, o que de certa forma influenciará a tomada de posição do autor. Ao organizar suas argumentações, o autor se apropria do gênero pré-estabelecido para a inferir seu posicionamento. Neste momento, observa-se a transformação interna do gênero, à medida que o indivíduo organiza seus argumentos com base no gênero proposto, o que evidencia um estilo individual do autor. Esse estilo individual torna claro como ocorreu o processo de compreensão do texto. Portanto, o autor aborda que:

(...) nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários – neles o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma das suas linhas diretrizes -; se bem que, no âmbito da literatura, a diversidade dos gêneros ofereça uma ampla gama de possibilidades variadas de expressão à individualidade, provendo à diversidade de suas necessidades (Bakhtin, 1997, p. 284).

Segundo Bakhtin (1997), nem todos os gêneros são adequados para refletir a individualidade do interlocutor, nem todos possibilitam o estilo individual do escritor, ou seja, não permite ao indivíduo a manifestação de seu posicionamento sobre um determinado assunto. Quando o autor afirma que os textos literários são os mais adequados para a manifestação do estilo individual, refere-se ao fato de que o texto literário não tem a preocupação de transmitir um fato ocorrido na sociedade de forma literal, a referida teoria explicita que, utilizando um determinado gênero literário, é possível trabalhar de maneira dialógica com outros textos ou até mesmo utilizar de outras áreas de conhecimento para a construção de seu posicionamento, utilizando o seu imaginário ou o seu real, possibilitando assim uma escrita única e individual.

Para que o aluno consiga se inserido no universo da língua, é preciso prepará-lo para a integração nesse ambiente. Isso envolve ensiná-lo sobre as regras gramaticais, as formas em que esses conhecimentos podem ser aplicados e a elaboração de textos que, maneira explícita, exijam, quando necessário, a aplicação das regras gramática. No entanto, não podemos esquecer que a língua é um sistema de práticas sociais. Ela se constrói a partir do conhecimento adquirido por meio de experiências em diversos ambientes. Segundo Marcuschi (2008)

(...) a língua é um sistema de práticas sociais e históricas sensíveis à realidade sobre a qual atua, sendo-lhe parcialmente prévio e parcialmente dependente esse contexto em que se situa. Em suma, a língua é um sistema de práticas com o qual os falantes/ouvintes (escritores/leitores) agem e expressam suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância, mas não construindo tudo como se fosse uma pressão externa pura e simples (Marcuschi, 2008, p. 61).

O teórico destaca que a linguagem exhibe influências sociais e históricas em seu uso. Isso ressalta que, para que a expressão individual ocorra, o indivíduo utiliza a sua fala para comunicar-se de acordo com o contexto dado. Da mesma forma, a produção de textos dos alunos requer que eles demonstrem proficiência em seu idioma, aplicando as regras gramaticais ensinadas em sala de aula. Não se trata apenas de transmitir conhecimento ao aluno, mas sim de inseri-lo em contextos que possam explorar seus conhecimentos anteriores sobre o idioma, relacionando-os com o ensino linguístico.

O ponto em questão não está relacionado aos erros ortográficos apresentados pelos estudantes, mas sim à forma como a turma lida com o tipo de texto escolhido. O autor ressalta que, mesmo diante dos equívocos na língua, isso não desqualifica o entendimento dos discentes de que o gênero textual em questão pode ser adaptado a outro contexto. Quando se estabelece uma comunicação por meio desse tipo de texto, observa-se uma reação, seja ela favorável ou desfavorável, ao ser inserido em uma cultura e compartilhado entre os principais agentes da língua na qual foi redigido.

Para isso, tendo como viés as dificuldades encontradas pelos alunos e citadas pelo teórico Gadotti (2008, p. 31) que aborda sobre o contexto precário da vida dos jovens e adultos trabalhadores da sociedade brasileira, e define a especificidade desses jovens da EJA. Tornando-se visível a necessidade de engajá-los no processo educacional, propõe-se o ensino da escrita, no qual a linguagem deve ser trabalhada sob a perspectiva sociointeracionista, nos termos vygotskianos, marxistas e bakhtinianos. A base desse trabalho são os gêneros discursivos, mais especificamente a crônica e o conto.

2 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE CONTOS E CRÔNICAS NA EJA

De início, podemos constatar que estes gêneros representam uma atividade textual de grande importância, uma vez que parte de um texto literário,

apresentando textos curtos que muitas das vezes parte da realidade dos escritores. Por se tratar de uma leitura mais maleável é possível relacioná-lo a outras esferas da sociedade que dialogando com a realidade do estudante.

O conto é um gênero textual caracterizado por uma narrativa curta que normalmente apresenta um único cenário, poucos personagens e uma estrutura que inclui um clímax seguido de um desfecho. Um exemplo disso pode ser encontrado no conto 'De noite', escrito por Franz Kafka:

Submergir-se em à noite! Assim como às vezes se enterra a cabeça no peito para refletir, fundir-se assim por completo em à noite. Em redor dormem os homens. Um pequeno espetáculo, um auto-engado inocente, é o dormir em casas, em camas sólidas, sob teto seguro, estendidos ou encolhidos, sobre colchões, entre lençóis, sob cobertas; na realidade, encontram-se reunidos como outrora uma vez e como depois em uma comarca deserta: um acampamento à intempérie, uma incontável quantidade de pessoas, um exército, um povo sob um céu frio, sobre uma terra fria, atirados ao solo ali onde antes se esteve de pé, com a fronte apertada contra o braço, e a cara contra o solo, respirando tranquilamente. E tu velas, és um dos vigias, encontras ao próximo agitando o madeiro aceso que tomaste do montão de estilhas, junto a ti. Por que velas? Alguém tem que velar, se disse. Alguém precisa estar aí (Kafka, 1992, p. 15).

Este conto apresenta uma narrativa curta que, desde o início, se desenrola em um único cenário, tratando-se de uma reflexão sobre a noite e seu estado de vigília, explorando as emoções de um sujeito solitário que permanece acordado enquanto todos dormem. Nesse sentido, o conto é uma forma de narrativa curta que tem um papel fundamental no ensino para os alunos da EJA. Ele traz diversas vantagens didáticas, sendo uma ferramenta inclusiva e motivadora para o aprendizado.

Além disso, o conto, para os alunos da EJA, facilita o acesso à literatura. Analisando pelas bibliografias de Freire (1997) e Gadotti (2008), constata-se que muitos alunos da EJA não tiveram a oportunidade de estudar em idade adequada, e não tiveram contato com a literatura nos anos iniciais. Assim, os contos oferecem uma visão do mundo literário, permitindo que os alunos despertem o interesse pela leitura, aprimorem sua compreensão textual e desenvolvam a imaginação e criatividade uma vez que apresentam situações, personagens e cenários imaginativos que muitas das vezes correlacionam com a realidade do aluno, o que estimula a imaginação e a criatividade.

A crônica, por outro lado, é um gênero discursivo que retrata o cotidiano de forma simples e normalmente é encontrado em contextos jornalísticos. Um exemplo

disso pode ser visto na crônica 'Furto de Flor', escrita por Carlos Drummond de Andrade:

Furtei uma flor daquele jardim. O porteiro do edifício cochilava e eu furtei a flor. Trouxe-a para casa e coloquei-a no copo com água. Logo senti que ela não estava feliz. O copo destina-se a beber, e flor não é para ser bebida.

Passei-a para o vaso, e notei que ela me agradecia, revelando melhor sua delicada composição. Quantas novidades há numa flor, se a contemplarmos bem. Sendo autor do furto, eu assumira a obrigação de conservá-la. Renovei a água do vaso, mas a flor empalidecia. Temi por sua vida. Não adiantava restituí-la ao jardim. Nem apelar para o médico das flores. Eu a furtara, eu a via morrer.

Já murcha, e com a cor particular da morte, peguei-a docemente e fui depositá-la no jardim onde desabrochava. O porteiro estava atento e repreendeu-me:

- Que ideia a sua, vir jogar lixo de sua casa neste jardim! (Drummond, 1985, p. 20).

O texto retrata um episódio do cotidiano que acaba suscitando reflexões e sentimentos profundos. Num gesto espontâneo, o homem colhe uma flor do jardim. Nos dias seguintes, ele acompanha o seu processo de decomposição, sendo levado a pensar sobre a passagem do tempo, a fragilidade e efemeridade da vida. Dessa forma, a crônica também possui uma grande importância para os alunos da EJA já que proporciona uma leitura acessível, o que facilita a compreensão por parte dos alunos. Isso é especialmente importante quando consideramos que muitos desses alunos, segundo Freire (1997) possuem níveis variados de letramento.

No caso da crônica trás reflexões sobre a vida cotidiana, com situações e personagens próximos da realidade. Isso permite que os alunos se identifiquem com as histórias, reflitam sobre suas próprias vivências e compartilhem suas opiniões a respeito dos assuntos abordados. Além disso, realiza uma reflexão crítica e abordam questões sociais, políticas e culturais com um olhar crítico. Ao explorar esses textos, os alunos são incentivados a desenvolver uma postura crítica diante da realidade, a questionar padrões estabelecidos e a refletir sobre problemas e desafios enfrentados na sociedade.

Em resumo, a crônica e o conto desempenham um papel importante no ensino para os alunos da EJA, proporcionando leitura acessível, reflexão sobre a vida cotidiana, ampliação do repertório textual, desenvolvimento da escrita e expressão, além de fomentar uma postura crítica diante da realidade. Ao explorar esses textos, os alunos têm a oportunidade de se conectar com a literatura de forma significativa,

ampliando suas habilidades de leitura, escrita e reflexão. Fazendo com que o processo de aprendizado seja mais atrativo e estimulante para esses alunos.

Para que a produção textual ocorra de maneira dialógica, o professor deve utilizar em sala de aula textos literários, como o conto e a crônica, no desenvolvimento das atividades de conteúdo e produção textual em sala de aula, pois, segundo Bakhtin (1997), os gêneros são os mais adequados para alcançar a produção de um texto. É mediante a utilização de textos literários que os escritores inserem suas percepções de mundo.

Assim, é importante que os alunos conheçam diversos gêneros, mas que seja levado em consideração a necessidade do aluno e seu contexto sociocultural para que se faça o reconhecimento do seu uso na sociedade através de um processo valorativo. Segundo Machado:

(...) É isso que confere ao gênero discursivo o caráter não de uma forma lingüística, mas de uma forma enunciativa que depende muito mais do contexto comunicativo e da cultura do que a própria palavra (Machado, 2005, p. 158).

Para isso, é imprescindível reconhecer como o gênero se estrutura dentro da sociedade, como se caracteriza e qual sua relação com a esfera discursiva a que pertence, o que pode ser feito a partir da construção de *Modelo Didático de Gênero* (MDG).

2. MODELO DIDÁTICO PARA TRABALHO COM GÊNEROS

Para a utilização de um gênero nas aulas, é necessário que o professor leve em consideração aspectos sociais, pedagógicos e linguísticos. A elaboração de um *Modelo Didático de Gênero* (MDG) que se caracteriza por um conjunto de didáticas organizadas de maneira sistemática em torno de um gênero. Nesse sentido, de acordo com Machado; Cristóvão (2006), as seguintes características devem ser consideradas:

a) as características de quem é o emissor, em que papel social se encontra, a quem se dirige, em que papel se encontra o receptor, em que local é produzido, em qual instituição social se produz e circula, em que momento, em qual suporte, com qual objetivo, em que tipo de linguagem, qual é a atividade não verbal a que se relaciona, qual o valor social que lhe é atribuído etc.);

b) os conteúdos típicos do gênero;

c) as diferentes formas de mobilizar esses conteúdos;

e) o seu estilo particular, ou, em outras palavras: - as configurações específicas de unidades de linguagem que se constituem como traços da posição enunciativa do enunciador;- as seqüências textuais e os tipos de discurso predominantes e subordinados que caracterizam o gênero; - as características dos mecanismos de coesão nominal (Machado; Cristovão, 2006).

A utilização de gênero exige a escolha e a organização do processo de ensino/aprendizagem, principalmente ao trabalhar com a EJA. Neste trabalho, constrói-se um *Modelo Didático de Gênero* (MDG) para aplicação em conjunto com uma sequência didática (SD), um procedimento metodológico que propõe uma maneira precisa de trabalhá-los em sala de aula, ou seja, "um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito" (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 97).

O encaminhamento metodológico do professor deve envolver a organização de ações que permitam aos alunos um contato crítico e reflexivo com o que é diferente, bem como a revelação dos aspectos implícitos das práticas de linguagem. Em termos de modelo estrutural de acordo com a concepção da Escola de Genebra para (Dolz; Noverraz & Schneuwly, 2004) esse procedimento metodológico de SD é concebido por quatro fases distintas, quais sejam: apresentação da situação de ensino, a produção inicial, os módulos e a produção final (Cabral, 2017).

É fundamental o planejamento adequado para o sucesso de uma sequência didática, o qual envolve a definição do tema, a realização de uma sondagem inicial, a definição de critérios para a sequência das etapas, o estabelecimento do tempo necessário para a sequência, a organização da turma, a flexibilização das atividades e a avaliação do que os alunos aprenderam. Uma sequência didática é responsabilidade do professor com base nos objetivos educacionais e nas necessidades dos alunos. Essa sequência envolve a seleção de conteúdo, a estruturação das atividades, a definição dos recursos e materiais a serem utilizados, além da organização do tempo e da avaliação do processo de ensino e aprendizagem.

Considerando isso, como ponto de partida, temos o diálogo a respeito dos textos motivadores, o que resulta em um processo de diálogo e amadurecimento dos alunos. Como desdobramento desse processo, incluem-se as aulas teóricas para a compreensão da estrutura das características dos gêneros textuais. Como produto

final de cada aula, realizamos uma avaliação que engloba a produção textual ou debates em sala de aula.

O encaminhamento metodológico do professor deve incluir a organização de ações que permitam aos alunos uma abordagem crítica e reflexiva sobre o que é diferente, bem como a exposição dos aspectos implícitos das práticas de linguagem. O planejamento é um componente fundamental para o sucesso de uma sequência didática e de um plano de aula. Isso envolve a definição do tema, a realização de uma sondagem inicial com critérios para encadear as etapas, a definição do tempo necessário para a sequência, a organização da turma, a flexibilização das atividades e a avaliação do que a turma aprendeu.

O trabalho com a interpretação textual deve focar no desenvolvimento da capacidade crítica, que pode ser adquirida por meio de debates e produção de textos. O professor desempenha um papel essencial ao organizar momentos de exploração de textos, nos quais ele próprio participa, criando um circuito de compartilhamento de experiências com os textos, troca de sugestões e aprendizado mútuo. Para formar leitores competentes, é fundamental proporcionar a prática de diversos modos de interação com os textos, incluindo análise autônoma, colaborativa, leitura em voz alta conduzida pelo professor, leitura programada e exploração livre.

Considerando essa abordagem, baseado nas aulas ministradas sobre conto e crônica e as aulas de produção textual, temos o diálogo em torno dos textos motivadores, resultando em um processo de discussão e amadurecimento dos alunos. Como encerramento de cada aula, realizamos uma avaliação que inclui a produção textual ou debates em sala. Inicialmente, pensa-se em trabalhar a partir da perspectiva de Leffa na qual afirma que:

A produção de materiais de ensino é uma seqüência de atividades que tem por objetivo criar um instrumento de aprendizagem. Essa seqüência de atividades pode ser descrita de várias maneiras, envolvendo um número maior ou menor de etapas. Minimamente, deve envolver pelo menos quatro momentos: (1) análise, (2) desenvolvimento, (3) implementação e (4) avaliação. Idealmente essas quatro etapas devem formar um ciclo recursivo, onde a avaliação leve a uma nova análise, reiniciando um novo ciclo (Leffa, 2007, p. 15).

A SD foi desenvolvida pelos residentes pedagógicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa do ensino Superior (CAPES), no qual recomenda-se a

aplicação nas turmas de 2º segundo ano do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), abordando temas transversal como Cidadania e Civismo, tendo como objetivo proporcionar a produção narrativas com certa autonomia. O foco é orientar as práticas didáticas em sala de aula com objetivo de explorar o desenvolvimento:

Da linguagem verbal e não-verbal, nos campos da escrita, leitura, oralidade e imagética. Da produção textual e imagética no processo de construção de um livro. Do comportamento leitor e escritor dos alunos. Do planejamento, revisão e edição dos textos. Isso permitirá que os alunos, com o apoio e orientação do professor e o uso das habilidades adquiridas ao longo do processo, produzam um livro com texto e ilustrações feitas por eles mesmos, demonstrando seu desenvolvimento na linguagem verbal e não-verbal, escrita, leitura, oralidade e imagética, de acordo com o previsto para essa etapa da escolarização.

As competências mobilizadas para reger a prática de ensino visam promover o uso de práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas. Isso busca expandir as formas de produzir sentidos, engajar-se em práticas autorais e coletivas, e aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.

Na primeira aula, apresentam-se aos alunos os textos que serão trabalhados e os objetivos a serem alcançados. Os contos sugeridos são 'O Chantagista', de Nelson Rodrigues e, 'Suas sandálias me cabem?', de Monique Malcher. Em seguida, os alunos realizarão uma leitura silenciosa e uma leitura com entonação para explorar a carga emocional presente nas obras e sua relação com os eventos apresentados. Os respectivos contos trabalham com o tema a respeito da violência e abusos contra a mulher, que condizem com a realidade brasileira, onde o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) identificou no Brasil cerca de 722 feminicídios entre janeiro e junho de 2023.

O conto 'O Chantagista', retrata a relação de um casal que se relacionou desde muito jovens e ao final evidencia histórias de traições nas relações familiares, fazendo com que o marido sinta ciúmes e jogue uma panela de água na esposa com intuito de deforma-la para não trai-lo. Como no treco do conto exposto abaixo e identificado com o link para ser baixado:

[...] No caminho do escritório para casa, aquilo não lhe saiu da cabeça. Súbito, extinguiu-se na sua alma a alegria do dinheiro. Voltou do portão e foi, de bar em bar, embriagando-se. Chegou em casa

trocando as pernas, passada a meia-noite. Durante meia hora, com os olhos turvos, assistiu ao sono da esposa. Depois, apoiando-se, ora numa parede, ora noutra, foi à cozinha: ferveu uma chaleira. Dez minutos depois, a vizinhança toda acordava, com os gritos. Fernando despejara água fervendo no rosto da mulher adormecida (Rodrigues, 2012, p. 15).

Além disso, o conto 'Suas sandálias me cabem?', retrata a violência doméstica e abuso psicológico que um jovem sofre dentro de casa, causando marcas profundas em sua vida. Evidenciando o machismo e patriarcado da sociedade brasileira. Como no trecho que causam impacto durante a leitura do conto:

[...] E cresci acreditando que as mulheres não poderiam me dar amor, que eu mesma não era suficiente para o funcionamento da minha existência. Era urgente que os homens me amassem, aos moldes do amor que meu pai me dava, com seus excessos e controles. Conforme o tempo devorava os dias e me sentia estática, meu corpo não agia da mesma forma. Ele foi rompendo no meu estômago uma agonia infinita (Malcher, 2020, p. 5).

Posteriormente, os alunos serão organizados em uma roda para discutir o que leram. Serão incentivados a refletir sobre a linguagem utilizada nos textos, a inferir relações nos textos, a definir o desfecho dos contos 1 e 2, a identificar detalhes do ambiente que contribuem para a narrativa e a analisar a relação dos títulos dos textos com a história. Este momento é fundamental na aula, pois oferece aos alunos a oportunidade de expressar seus pontos de vista e reinterpretar a leitura realizada em sala de aula.

Em seguida, será estabelecida uma relação entre os fatos e os textos literários. Nesse momento, os alunos serão convidados a dialogar sobre as questões abordadas nos contos, explorando como os textos literários, em particular os que foram estudados em sala de aula, nos levam a refletir sobre situações que frequentemente ocorrem na sociedade. Eles serão questionados sobre suas perspectivas em relação às situações apresentadas.

Além disso, após estabelecer a relação entre os textos e os fatos discutidos, os alunos receberão uma explicação teórica sobre o gênero literário em questão. Será enfatizada a finalidade de cada parte da estrutura do texto e sua importância para a compreensão. A estrutura do gênero escolhido será apresentada, seguida por suas características, diferentes tipos de contos e exemplos de autores relevantes. Por fim, a avaliação será realizada por meio de uma atividade final de produção textual. Os

alunos serão instruídos a criar um conto com um tema de sua escolha, como um mínimo de 15 linhas.

Na segunda aula os alunos serão divididos em grupos e, em seguida, serão feitas perguntas direcionadas a cada grupo. Essas perguntas visam avaliar o conhecimento da turma sobre o tema dos maus-tratos, buscando a opinião de cada grupo sobre o assunto. Após essa discussão inicial, será apresentado em sala o autor e sua obra. Começaremos abordando o autor Machado de Assis e sua obra 'Fuga do Hospício e Outras Crônicas'. Nesse livro, encontra-se a crônica intitulada 'Direito dos Burros', que servirá como foco de leitura. Faremos uma breve introdução ao livro, explicando como ele foi formado, sendo uma coleção de textos inicialmente avulsos que foram reunidos para criar um livro que aborda questões do cotidiano. Os textos contidos nele são irônicos, engraçados e ficcionais, mas não deixam de abordar questões ligadas à realidade. Como o da crônica 'Direito dos Burros':

[...]- Quem é que lhe conta todas essas coisas inglesas?

- Quem? Ah! meu amigo, é justamente o que me traz a seus pés, disse o burro ajoelhando-se, mas levantando-se a meu pedido. E continuou: Sei que o senhor se dá com gente de imprensa, e vim aqui para lhe pedir que interceda por mim e por uma classe inteira, que devia merecer alguma compaixão...

- Justiça, justiça emendei eu com hipocrisia e servilismo.

- Vejo que me compreende. Ouça-me; serei breve. Em regra, só se devia ensinar aos burros a língua do país; mas o finado Greenough, o primeiro gerente que teve a companhia do Jardim Botânico, achou que devia mandar ensinar inglês aos burros dos bonds. Compreende-se o motivo do ato. Recém chegado ao Rio de Janeiro, trazia mais vivo que nunca o amor da língua natal. Era natural crer que nenhuma outra cabia a todas as criaturas da terra. Eu aprendi com facilidade (Assis, 2002, p. 99).

Após essa introdução inicial, questionaremos a turma sobre o que eles entendem por crônica e se já tiveram contato com esse gênero textual anteriormente. Em seguida, apresentaremos uma breve definição do gênero textual "crônica" e seus principais aspectos.

Posteriormente a essa explanação, pediremos à turma que mencionem duas características fundamentais das crônicas. Abriremos espaço para eventuais dúvidas e perguntaremos à classe sobre suas experiências pessoais com crônicas. Por exemplo, se já leram ou escreveram uma crônica, e convidaremos a compartilhar suas experiências e a citar as duas principais características que destacaram.

A primeira leitura da crônica deve ser feita individualmente por cada aluno. Em seguida, será disponibilizada uma cópia do texto para cada um, e essa segunda leitura também será realizada individualmente. O tempo destinado a essa atividade não deve ser muito longa, podendo variar dependendo da turma, mas geralmente um dia é suficiente. Após a primeira leitura silenciosa, os alunos realizarão uma segunda leitura, agora com entonação. Após a leitura da crônica, a turma será dividida em grupos. Cada grupo terá a tarefa de procurar no texto palavras desconhecidas ou passagens que não foram bem compreendidas. Cada grupo deve selecionar pelo menos três trechos ou palavras que geraram dúvidas. Com a ajuda do dicionário e do professor, eles trabalharão para esclarecer essas dúvidas.

Após a leitura da crônica, é o momento de discutir e inferir sobre o sentido do texto para os leitores e a turma, considerando suas possíveis interpretações e pontos importantes. Os alunos podem citar passagens que mais chamaram sua atenção e explicar por que essas passagens se destacaram para eles. Além disso, a turma deve discutir os pontos essenciais presentes nas entrelinhas do texto.

Será relevante abordar os temas principais, como os maus-tratos a animais, a discriminação contra classes desfavorecidas, os direitos de animais e seres humanos de forma ampla. Também será importante discutir a escolha de um burro como representação e explorar seu significado e impacto na crônica. Além disso, é importante questionar o valor das aulas ministradas e seus efeitos na turma, exemplificando como a literatura e suas temáticas podem se aplicar ao nosso cotidiano, pois estão intrinsecamente ligados às experiências humanas.

Como parte da avaliação, os alunos serão convidados a elaborar uma crônica, visto que esse gênero é caracterizado por sua brevidade e pela abordagem de temas cotidianos. Essa atividade tem como objetivo aferir o conhecimento da turma e desenvolvê-lo ainda mais. Por meio da elaboração da crônica, os alunos terão a oportunidade de colocar em prática o que aprenderam sobre as características e a estrutura desse gênero textual. Além disso, a atividade permitirá avaliar a habilidade de escrita e a criatividade de cada aluno, bem como seu domínio da leitura e da escrita. A temática escolhida para as crônicas será os maus-tratos aos animais, e a extensão mínima exigida será de 15 linhas.

3 A AVALIAÇÃO E REFLEXÃO DA APRENDIZAGEM NA EJA

Uma sequência didática com gêneros textuais pode ter um impacto significativo no ensino-aprendizagem da EJA, pois essa abordagem permite que os alunos desenvolvam habilidades de leitura, escrita, compreensão e produção de diferentes tipos de texto. A SD permite identificação do conhecimento prévio, exploração e análise da bagagem sociocultural dos alunos, melhora na leitura e interpretação de textos. Além do objetivo final de cada aula que é a produção de textos, encorajando os alunos a escreverem seus próprios textos, de acordo com as habilidades e interesses individuais. Fornecendo orientações, revisões e *feedback* individualizado para promover a melhoria contínua.

Levando ao final uma reflexão e avaliação sobre o processo de aprendizagem, encorajando os alunos a analisarem seu próprio progresso, identificando pontos fortes e áreas que precisam ser aprimoradas. É importante lembrar que uma sequência didática com gêneros textuais deve ser adaptada às características, interesses e necessidades específicas dos alunos da EJA, ao se considerar o grau de escolaridade, experiências de vida e objetivos de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a partir dos teóricos mencionados acima, dentro da sequência didática elaborada para a primeira e segunda aula, há um contato com os gêneros textuais que fazem parte do processo de interação social dos alunos. Esta abordagem visa ampliar suas habilidades de leitura, proporcionando estímulo aos estudos dos alunos e contribuindo para a redução da evasão escolar, tornando os alunos protagonistas da sua aprendizagem.

Espera-se que essa abordagem resulte em melhorias no processo de escrita, ao mesmo tempo em que promove a socialização entre os alunos da escola. Isso, por sua vez, contribuirá para o avanço na aprendizagem, tornando-a mais significativa. O objetivo é que os conceitos trabalhados sejam internalizados, gerando transformações e um progresso na produção escrita dos alunos.

Sendo assim, desenvolver conteúdos que estejam diretamente relacionados com textos baseados na realidade cotidiana dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), baseados no uso de gêneros textuais, é a estratégia mais eficaz e adequada para promover o desenvolvimento da escrita dos educandos. Dada a

diversidade desse público, uma abordagem que esteja intimamente ligada às suas vivências diárias é essencial. Assim, os estudantes podem se apropriar do conhecimento de maneira mais significativa, tornando-se protagonistas de seu próprio processo de aprendizagem. Eles conseguem relacionar seu contexto sociocultural com as atividades propostas, o que resulta em uma melhor compreensão e ressignificação do conteúdo transmitido pelo professor.

Assim, uma SD com base em um modelo didático de gênero no contexto da EJA pode ter várias influências positivas no ensino-aprendizagem. Segundo Machado; Cristovão (2006) traz uma relevância e contextualização sobre o uso de gêneros textuais familiares e relevantes para a vida cotidiana dos alunos da EJA pode aumentar o interesse e a motivação para aprender. Os alunos podem se envolver mais ativamente no processo de ensino, pois percebem a utilidade e aplicabilidade dos gêneros textuais trabalhados e foco nas necessidades individuais: Um modelo didático de gênero da EJA pode permitir uma abordagem mais personalizada, levando em consideração as necessidades, interesses e objetivos individuais dos alunos. Ao trabalhar com diferentes gêneros textuais, é possível adequar as atividades de acordo com as habilidades e competências específicas de cada aluno, garantindo um aprendizado mais significativo e efetivo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ASSIS, Machado de. Fuga do hospício e outras crônicas. In: **Para gostar de ler**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BACICH, L; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Ed. Penso, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: 34, 2016.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. **Senado Federal**, Brasília: MEC, 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 24 de jun. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos Temas Contemporâneos Transversais, ética. **Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Parecer CNE/CP n. 11/2020, de 7 de julho de 2020. Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia. **Conselho Nacional de Educação**, Brasília, DF, 7 jul. 2020. Disponível em: <https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/>. Acesso em: 25 de nov. 2021.

COLL, C. Aprender y enseñar con las TIC: expectativas, realidad y potencialidades. In: Carneiro, R.; Toscano, J.; Díaz, T. (Coord). **Los desafíos de las TIC para el cambio educativo**. Madrid: OEI., 2009.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. Modelo Didático de Gênero como instrumento de formação de professores. In: Meurer, José Luiz; Motta-Roth, Désirée (orgs). **Gêneros Textuais e práticas discursivas** – Subsídios para o ensino da linguagem. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim et. al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERALDI, J. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011.

LEFFA, Vilson J. **Produção de materiais de ensino: teoria e prática**. 2. ed. Pelotas: Educat, 2007.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 2. ed. Trad. Carlos Irineu Costa. São Paulo: 34, 2000.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e Proposta**. 10. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. **A Construção de Modelos Didáticos de Gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros**. **Revista Linguagem em (Dis)curso – LemD**. Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set/dez. 2006.

MALCHER, Monique. **Flor de gume**. São Paulo: Pólen, 2020.

MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

PAULIUKONISS, Maria Aparecida Lino; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Orgs.). **Texto e Ensino**. Natal: SEDIS - UFRN, 2018.

PEIXOTO, J. As práticas digitais e juvenis e as práticas educativas com o uso das TIC. In: **III EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática Educativas com uso da TIC**, Goiás. Trabalhos apresentados, 2009.

RODRIGUES, Nelson. **A vida como ela é**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SALGUEIRO, W. **O bicho de Manuel Bandeira**. Disponível em: <http://rascunho.com.br/o-bicho-de-manuel-bandeira/>. Acesso em: 20 de jun. de 2023.

SCHMIT, Rodolfo Augusto. Andragogia como fundamento e instrumento de educação e orientação aos adultos. **RECSA**, v. 5, n. 1, jan/jun, 2016.

SOEK, A. M., Haracemiv, S. M. C., & Stoltz, T. **Mediação Pedagógica na Alfabetização de Jovens e Adultos**. Curitiba: Positivo, 2009.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Taxa de Homicídios Mulheres**. 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/52>. Acesso: 26 de nov. 2023.

Sobre os autores

Eduarda Abreu do Nascimento

Graduada em Letras pelo Instituto Federal do Pará - IFPA

Contato: eduarda.abreu.921@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0722-3526>

Wellerth Mendes Ribeiro

Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia - UNAMA

Contato: wellerth.ribeiro@ifpa.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-4028-3343>

Lucas Pinto de Almeida

Graduando em Letras pelo Instituto Federal do Pará - IFPA

Contato: lucaspintoalmeida12@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-8484-9412>

Artigo recebido em: 31 de outubro de 2023.

Artigo aceito em: 11 de dezembro de 2023.